

## PREFÁCIO

---

### *Na diplomacia, entre a história e as ciências humanas*

---

Este livro foi concebido como uma síntese teórico-prática situada na confluência intelectual da academia com a diplomacia. Ele também pode ser visto como uma espécie de condensado literário da obra de um “agente duplo” ou, ainda, como um retrato em branco e preto de um *escriba informatizado* que é também, embora muito modestamente, um *ator coadjuvante* da política exterior brasileira. Com efeito, os trabalhos aqui reunidos constituem o resultado parcial de mais de dez anos de pesquisas e de reflexões acadêmico-funcionais sobre a natureza essencial e o sentido profundo da atividade diplomática, considerada não só do ponto de vista “externo” da pesquisa bibliográfica e da consulta às fontes primárias, mas também da perspectiva “interna” de quem vive, literal e diuturnamente, do exercício dessa mesma atividade diplomática.

Estes ensaios se situam, portanto, no próprio âmago da política externa *prática*, interpretada *teoricamente* por um profissional da diplomacia que também reivindica, talvez deliberadamente, um estatuto de *outsider* no confronto com a aparente rigidez hierárquica de uma Casa mais do que centenária, o Itamaraty. A experiência não é sem riscos: seria como se este “espectador engajado” – o *copyright* da expressão pertence a Raymond Aron – do serviço exterior brasileiro procurasse analisar o objeto de seu trabalho corrente de um ângulo externo, com o distanciamento ideológico de um cientista imparcial que devesse dissecar as entranhas de sua própria instituição.

Mas, sob o risco de decepcionar os críticos da Casa de Rio Branco e contrariamente ao que poderia indicar esse *animus dissecandi* do autor, deve-se desde logo advertir que seu bisturi analítico não está dirigido à *alma mater* da instituição diplomática brasileira. Como se poderá facilmente constatar por uma simples consulta ao sumário, não se tentou fazer aqui qualquer anatomia do próprio Itamaraty, o volume não comporta nenhum perfil sociográfico dos diplomatas, nem se pretendeu elaborar uma antropologia do serviço exterior brasileiro, com a mesma eventual meticulosidade de um etnólogo isolado entre tuaregues (muito embora estudos desse tipo devessem talvez figurar nas estantes da politicamente correta biblioteca do Ministério das Relações Exteriores). O próprio autor, que já passou por ritos de iniciação antropológicos em terras belgicanas e que, em priscas eras, prestou solidariedade clânica à tribo dos sociólogos paulistas, à qual legitimamente pode reivindicar sua *appartenance*, se compromete em proceder, no futuro, a esses exercícios de sociologia da vida quotidiana que encantariam um espírito anárquico e multidisciplinar ao estilo de um Gilberto Freyre. Tal exercício, que poderia igualmente tocar nos “mitos fundadores” do Itamaraty, representaria algo como um ensaio de biografia coletiva para explicar, talvez, “como e porque sou e não sou diplomata”, temperado obviamente pelo espírito de autocontenção que costuma caracterizar todo frequentador habitual da Casa do Barão.

O que vai se ler aqui, portanto, não são estudos *de* diplomacia brasileira, mas ensaios *sobre* as relações internacionais em geral e *sobre* a política externa brasileira em particular, pelo ângulo de um servidor da circunspecta burocracia diplomática que também frequenta os anfiteatros algo mais barulhentos das instituições universitárias. Eles não foram, de nenhuma maneira, redigidos sob a oportunista forma de *memorandos* de serviço, mas concebidos e elaborados com a dedicação metódica de alguém que sempre esteve voltado às pesquisas de arquivos e às atividades docentes, levadas regularmente a cabo no Brasil e nos intervalos de uma vida seminômade no exterior.

Eles representam, num certo sentido, o resultado de uma união intelectual entre o professor ocasional e o burocrata do serviço exterior, entre o acadêmico amador e o diplomata profissional, entre uma atividade que busca explicações sobre os meios legítimos da racionalidade estatal e outra que persegue os fins últimos da razão do Estado, entre o trabalho intelectual do especialista universitário em dedicação parcial e a atividade analítica em tempo integral em uma das corporações reconhecidamente mais intelectualizadas de nossa burocracia governamental, entre a ética de convicção e a ética de responsabilidade, entre a aparente “imparcialidade” do livre-arbítrio

acadêmico e a afirmada “objetividade”, forçosamente generalista e recorrente, de uma das mais weberianas instituições públicas. Em contraposição, contudo, ao trabalho exclusivamente acadêmico, os textos aqui compilados apresentam uma *differentia specifica*, a de que foram elaborados não apenas da perspectiva puramente universitária da sociologia das relações internacionais ou, ainda, da política, da economia ou da história da política exterior do Brasil, mas, essencialmente, no contexto funcional do serviço exterior brasileiro e tendo presente, sobretudo, a necessidade de se fazer a “anatomia intelectual” da diplomacia brasileira, como forma de seguir seu itinerário histórico e de determinar seus fundamentos de atuação.

Ambas as vertentes acima mencionadas, o trabalho profissional na diplomacia brasileira e a dedicação, quase que monástica, ao estudo das origens e desenvolvimento dessa mesma diplomacia, geralmente vista na perspectiva diacrônica da *longue durée*, devem ser consideradas como absolutamente complementares, no sentido em que elas constituem o suporte necessário (mas nem sempre suficiente) uma da outra. Elas conformam, uma e outra, os pilares de uma “visão do mundo” que se pretende abrangente – poder-se-ia dizer compreensiva, no sentido weberiano do conceito – e original, na medida em que os textos reunidos neste volume não traduzem o mero produto intelectual de pesquisas empreendidas num contexto exclusivamente acadêmico e tampouco se situam numa perspectiva unicamente institucional ou oficial. Esses textos são o resultado de preocupações historiográficas e sociológicas próprias de seu autor, não com a diplomacia brasileira, propriamente dita, mas com o Brasil em primeiríssimo lugar: eles pretendem investigar o passado de nossa inserção internacional para melhor compreender o presente das relações externas do País e preparar o futuro da nação no mundo.

Assim, os trabalhos de metodologia das relações internacionais, de história diplomática e de “economia política” da política externa aqui compilados representam, antes de mais nada, uma espécie de *bridge-building* entre a academia e a diplomacia, às quais o autor se vincula por manifesto interesse pessoal e em virtude do exercício de atividade profissional. Eles também se pretendem portadores e veiculadores dessa multidisciplinaridade que se tornou virtualmente emblemática e mesmo necessária nos modernos estudos de relações internacionais e de política externa dos Estados contemporâneos.

Cabe, contudo, antes de deixá-lo penetrar sem armas e bagagens nas florestas ainda pouco frequentadas das relações internacionais e da política externa do Brasil, oferecer ao leitor eventualmente desprevenido uma honesta advertência heurística. Estes trabalhos *sobre* a diplomacia brasileira estão fortemente impregnados de História, mais do que de qualquer outra disciplina acadêmica aqui presente e figurando a título de “interpretação setorial” dessa diplomacia (economia, política, sociologia ou mesmo “ideologia” da política externa). Como justificar o deliberado viés metodológico em favor de uma abordagem específica dessa complexa realidade, como explicar essa “opção preferencial” por uma interpretação histórica das relações internacionais do Brasil?

Não há, obviamente, uma explicação simples a essa espécie de *a priori* weberiano, mas posso tentar legitimar meu *approach*, servindo-me das palavras de um outro diplomata que, ele sim, é um treinado cultor das pesquisas arquivísticas e um refinado e elegante historiador de nosso passado colonial e oitocentista. Ao apresentar a segunda edição de seu consagrado e provavelmente já clássico estudo sobre o imaginário da restauração pernambucana, *Rubro veio*, Evaldo Cabral de Mello assim se pronuncia sobre a especificidade e a irredutibilidade do método histórico em face das demais ciências humanas:

Este esforço se inspirou [...] nos gêneros historiográficos mais diversos, a história política, econômica ou das mentalidades, sem preferências exclusivistas. A ele também subjaz uma certa ideia da história que a vê não como a grande sintetizadora com que sonhou imperialmente Braudel, nem como mero repositório de dados empíricos à disposição de sociólogos, antropólogos e economistas, mas, ao contrário, como uma maneira específica de abordar a realidade social [...]. Nesse sentido, pode-se dizer que a história situa-se não na vanguarda mas na retaguarda das ciências humanas, não para seguir-lhe docilmente os passos

mas para dinamitar suas excessivas pretensões teóricas. O papel do historiador consistiria, em boa parte, em explodir os mitos que, a despeito dos seus objetivos científicos, as ciências humanas continuam a engendrar e que são passíveis de produzir curtos-circuitos duradouros no conhecimento histórico. O historiador seria assim o sabotador nato do sociólogo, do antropólogo, do economista.<sup>1</sup>

Sem pejo do empréstimo intelectual involuntário, subscrevo inteiramente a opinião de meu colega de carreira, tal como acima exposta, quanto ao papel da História enquanto destruidora de mitos fáceis e de verdades inquestionadas. Estes ensaios se colocam, ou pretendem se ver, na perspectiva saudavelmente iconoclasta de uma obra original, fruto de honesto trabalho intelectual conduzido nos intervalos irregulares de uma intensa atividade profissional durante todo o período de sua elaboração. Eles também têm a pretensão, talvez exagerada, de oferecer um esforço de interpretação histórico-sociológica eventualmente desbravadora de novos caminhos analíticos que visam enriquecer o estudo global das relações internacionais e da política externa do Brasil. Sua contribuição a tal projeto multidisciplinar de amplo escopo deve, assim, ser julgada em seus próprios méritos, e jamais como pretensão elemento informador de um “pensamento oficial” em história diplomática que não faz parte de seus objetivos constitutivos.

Quanto à eventual alegação de algum leitor apressado, no sentido de que este autor se estenderia em demasia sobre determinados eventos ou processos do passado da diplomacia brasileira, antes de penetrar no atual labirinto das relações internacionais contemporâneas, permito-me recuperar, da mesma forma, os saborosos argumentos de um predecessor que também era um diplomata-historiador. Oliveira Lima, esse Dom Quixote Gordo, no dizer do mesmo Gilberto Freyre, ao discorrer sobre a densidade analítica dos antigos despachos de legações (ele se reportava ao período da Independência do Brasil), assim comparou a verbosidade dos antigos “escribas” diplomáticos à suposta parcimônia redacional de seus modernos sucessores:

O telégrafo ainda não existia. Os jornais não eram tão admiravelmente informados quanto hoje, quando eles se acham em condições de se informar nas próprias chancelarias. Os diplomatas eram pois forçados a escrever volumosos relatos, que nada perderam de seu interesse, pois que neles se encontravam coisas que não se encontravam alhures. É esse último traço de escrevinhadores, digamos antes de escritores, a fim de não amarrotar-lhes a memória, que distingue principalmente os agentes políticos de outrora de seus confrades atuais, aos quais a vida intensa e perfeitamente aparelhada tem feito perder esse honesto costume.<sup>2</sup>

Operando uma “resenha do passado” e retomando a seu favor o discurso de Oliveira Lima, o autor destas linhas também gostaria de se ver como um “diplomata d’antanho” – mas, de maneira alguma, como um representante da diplomacia ornamental e aristocrática do *ancien régime* –, pelo menos no que se refere ao “honesto costume” de ler, observar, pesquisar e informar sobre o universo mais vasto das relações exteriores do País e, em especial, sobre as relações econômicas internacionais do Brasil.<sup>3</sup> Ele também aspira seguir o saudável exemplo de todos aqueles colegas diplomatas, do passado e do presente, que também foram ou são “escrevinhadores” das “cousas

---

<sup>1</sup> Cf. Evaldo Cabral de Mello, *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. 2. ed. rev. e aumentada, Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 14-15.

<sup>2</sup> Cf. Oliveira Lima, *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, 2. ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 192.

<sup>3</sup> Oliveira Lima, por exemplo, era um crítico severo do diplomata apenas “político”: não se vende café, cacau ou açúcar, dizia ele, “enfiando meias de seda para ir a concertos de Buckingham Palace ou envergando uma casaca irrepreensível nos *cotillons* de New-port”, completando sua opinião ao afirmar que, assim como o cônsul carecia de “mover-se na alta sociedade”, também o diplomata deveria “aprender o caminho das bolsas de comércio”; ironicamente, ele se perguntava em que poderia “um secretário de legação revelar sua capacidade, a não ser a caligráfica?” (Cf. *Cousas diplomáticas*, [s. l.]: [s.n.], 1907, p. 15 e 17.

diplomáticas” do Brasil, como queria Oliveira Lima. Descartando por enquanto a redação de “volumosos relatos” profissionais, estão aqui enfeixados alguns modestos escritos acadêmicos abordando a notável continuidade histórica das relações internacionais e da política externa do Brasil.

O que se pode constatar no período recente, é, não apenas o crescimento satisfatório da produção brasileira nessas duas áreas, mas também a extensão dos avanços metodológicos alcançados no quadro das duas disciplinas acadêmicas mais conectadas a esses campos (ou seja, história e ciência política), bem como o aprofundamento analítico da maior parte desses estudos nacionais em relações internacionais e em política externa do Brasil. A produtividade acadêmica e a participação dos diplomatas nessa oferta conheceram, certamente, uma boa expansão na última década do século XX e no início do século XXI, com uma crescente osmose entre ambos os setores. O foco dos estudos ampliou-se, igualmente, deixando a antiga ênfase na história diplomática para uma saudável diversidade de abordagens e de temas, o que evidencia, obviamente, uma correspondente complexidade da agenda diplomática brasileira. Creio poder compartilhar – sem qualquer falsa modéstia ou exercício *déplacé* de autoelogio – de certo sentimento congratulatório ao observar como todos nós, os “trabalhadores” das relações internacionais contribuímos para esse progresso notável do estudo e da prática dessa área no Brasil.

Os ensaios aqui reunidos, sobre o universo cada vez mais rico e complexo constituído pelas relações internacionais e pela política externa do Brasil, não poderiam ter sido escritos e revistos, originalmente, ou ampliados e atualizados, no período recente, sem a ajuda inestimável e a compreensão de Carmen Lícia, de Pedro Paulo e de Maíra, que foram excessivamente tolerantes com este diplomata *doublé* de acadêmico, persistentemente ocupado com notas de leituras e com pesquisas contínuas de computador, sem a correspondente atenção a programas conjuntos de lazer. A eles, portanto, junto com meu reconhecimento, dedico esta nova produção, com todo amor e carinho.

*O autor*

## APRESENTAÇÃO

---

### *Consolidação da produção, redes em crescimento, profissionalização*

---

Uma única viagem nem sempre é destino.  
Um destino criativo pode ter vários caminhos.  
Itinerários intelectuais podem emprestar estradas diferentes.  
Mas a navegação em alto mar não é tarefa para aprendizes ou amadores.

Esta garrafa está sendo lançada ao mar pela terceira vez, desta vez com novos bilhetes e algumas velhas mensagens em formato renovado. O que pode esperar um naufrago concentrado nas leituras, nos estudos e na escritura, como eu? Talvez que seus recados encontrem boas praias, aqui e acolá, e possam servir de sinalização ou de boa orientação para todos aqueles que estejam em busca de alguns mapas em torno da globalização contemporânea. A cartografia marítima sofreu algumas mudanças, mas o espírito e a motivação com que foram escritos os estudos aqui “engarrafados” são os mesmos que presidiram à sua feitura, quando do meu primeiro livro.

A obra que inspirou este novo texto encontrava-se há certo tempo fora de estoque e talvez até fora do catálogo da editora universitária que responsabilizou-se pelas duas edições. Muitos alunos me escreviam, assim como professores e pesquisadores, para relatar que estavam tendo dificuldades de achá-la, mesmo nos sebos. Tentava consolá-los, recomendando busca nas bibliotecas universitárias, mas é evidente que isso não é suficiente, inclusive porque as bibliotecas universitárias no Brasil não representam exatamente um modelo de abundância bibliográfica. Cabia, então, enfrentar o desafio de um novo livro, inspirado no anterior, porém agora profundamente revisto, ampliado e atualizado: esta nova garrafa, que o leitor tem agora em suas mãos.

Não vou estender-me sobre os temas já tratados no prefácio, pela simples razão de que vários daqueles textos foram incorporados a esta edição, com as exceções que menciono abaixo. Vou aproveitar a oportunidade para abordar novos temas, que me parecem relevantes, mais de uma década e meia depois da “explosão” dos cursos de relações internacionais no Brasil, assunto que abordei em inúmeros textos breves, geralmente divulgados em blogs, sites especializados ou em resposta a questionários submetidos por pesquisadores, alunos e jornalistas.

Tal como concebida, inicialmente, esta obra não se destinava, exatamente, à preparação de candidatas à carreira diplomática, embora ela possa servir também a esse objetivo. Ela tinha sido elaborada, um pouco improvisadamente, como uma coleção de estudos tipicamente acadêmicos em torno de meus temas preferidos de estudo e trabalho, como por exemplo os que ainda figuram na primeira parte do livro atual. Havia também os que sintetizavam uma pesquisa empírica sobre o papel dos partidos políticos e do parlamento na política externa, que ainda figuravam na segunda edição, mas que agora partem para uma nova aventura ao largo, provavelmente destinada a consolidar minhas reflexões nessa área em alguma nova obra com maior amplitude temática e alguma ambição comparativa.

Outros, concebidos como livre expressão de minhas reflexões sobre a “ideologia” e a “economia” da política externa, ou ainda um ensaio histórico sobre a formação da diplomacia moderna na era dos descobrimentos, também foram “lançados ao mar”, para abrir espaços a trabalhos mais elaborados. Aqui figuram, pois, engarrafados em nova “embalagem”, a de uma grande editora, estudos sobre as diplomacias comercial e financeira do Brasil nos últimos sessenta anos, sobre o impacto das crises financeiras na economia brasileira e, sobretudo, sobre a inserção desta nas grandes

correntes da interdependência contemporânea, revoltas como podem ser essas ondas turbulentas da globalização, capazes de se transformar repentinamente em tsunamis gigantescos.

Revisei, ampliei e atualizei escrupulosamente cada um dos trabalhos, inclusive o que figura ao final, sobre a arquitetura institucional do multilateralismo contemporâneo, um levantamento que começou a ser feito manualmente quando do momento de sua primeira concepção e que atualmente se beneficia de bases de dados online e outros recursos de internet. Este “navegador”, aliás, continua a surfar nas horas vagas (e nas outras também), anima uma lista de informação e debates sobre os temas que correspondem a suas afinidades eletivas e também mantém um blog, feito mais para divertimento inteligente do que propriamente para efeitos didáticos. Para essa função, existe um site pessoal, que parece ter algum sucesso na “googlemetria” das pesquisas sobre temas de relações internacionais e de política externa do Brasil. Pelo menos assim constato pela correspondência que chega em diversos formatos e variados graus de urgência a propósito de trabalhos universitários e de consultas sobre a carreira diplomática. Acredito que a satisfação derivada dessas horas dedicadas a esse esforço voluntário de educação à distância de tantos jovens em busca de sua vocação ou de seu aperfeiçoamento universitário ou profissional seja equivalente ao crescimento progressivo da produção intelectual voltada para esse campo das relações internacionais, tanto a própria, deste navegante solitário, quanto a da crescente comunidade de internacionalistas acadêmicos.

O que tem, precisamente, caracterizado esse universo de estudos é o avanço da produção científica de boa qualidade, o surgimento e a expansão de redes de pesquisa, muitas delas interconectadas e em ativa cooperação recíproca e a consolidação de uma comunidade que está quase próxima de uma espécie de “profissionalização”. Quando este livro foi publicado pela primeira vez estávamos ainda a dez anos do surgimento de uma associação acadêmica voltada exclusivamente para esse universo em formação – a ABRI, Associação Brasileira de Relações Internacionais – mas já assistíamos à explosão dos cursos de graduação nessa área, depois de anos de algumas experiências solitárias e raríssimos programas de especialização em nível de pós-graduação. O livro não foi composto com o objetivo específico de atender alguma demanda didática desse universo em expansão, mas pode-se dizer que ele preencheu um nicho de mercado, no que, aliás, alcançou certo sucesso, já que estamos em seu terceiro lançamento, aparentemente com boa aceitação da comunidade de “produtores” e “usuários” de textos especializados.

A intenção, agora, é que esta “garrafa” possa navegar mais alguns anos, em direção de antigos portos ou, preferencialmente, em busca de novas praias, e consiga manter o prumo em sua missão de guia dos estudos de qualidade para uma comunidade que possuiu sua própria identidade intelectual e já criou uma cultura de pesquisa e produção centrada sobre questões tipicamente brasileiras e regionais, em lugar de se basear apenas nos *textbooks* importados. Este livro é parte desse processo e sua navegação continuada parece refletir o sucesso crescente desse universo em expansão.

Brasília, junho de 2011.

## SOBRE O AUTOR

---

Nascido na cidade de São Paulo (19/11/1949), iniciei meus estudos de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (1969-1970), curso abandonado no segundo ano, em função do ambiente de repressão política reinante na fase mais dura do regime militar no Brasil. Retomei estudos na mesma área, mas frequentando o curso da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Bruxelas, onde me licenciiei em 1975, com uma dissertação intitulada *Idéologie et Politique dans le Développement Brésilien, 1945-1964*.

Continuando estudos pós-graduados na área da economia, obtive, em 1976, o título de Mestre em Planejamento Econômico pela Universidade do Estado de Antuérpia, com a tese *Problèmes Actuels du Commerce Extérieur Brésilien: une évaluation de la période 1968-1975*. Inscrevi-me para um doutoramento logo em seguida, com um projeto sobre a “revolução burguesa”, mas retornei ao Brasil em 1977, interrompendo a preparação da tese. Antes de tornar-me diplomata, exerci-me como professor de Economia Brasileira e de Economia Internacional na Faculdade Campos Salles e de Introdução à Sociologia no curso de Direito das Faculdades Metropolitanas Unidas (São Paulo, 1977).

Em outubro desse mesmo ano, prestei concurso direto para a carreira de diplomata, obtendo o segundo lugar nos exames de ingresso. Passei a morar em Brasília em dezembro daquele ano, casando-me, um ano depois, com Carmen Lícia, economista, trabalhando então no Itamaraty. Na Secretaria de Estado em Brasília, trabalhei inicialmente na divisão da Europa Oriental (1977-1979); mais tarde, sobretudo em áreas econômicas.

Retomei a preparação da tese já como diplomata, quando estava servindo em meus dois primeiros postos, em Berna e Belgrado, respectivamente (de 1980 a 1985). Sou Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Bruxelas, tendo defendido com “grande distinção”, em 1984, tese sobre a interação entre o poder político e as classes sociais nos processos de modernização: *Classes Sociales et Pouvoir Politique au Brésil: une étude sur les fondements méthodologiques et empiriques de la Révolution Bourgeoise*.

De retorno ao Brasil, fui professor de Sociologia Política no curso de Mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília (1985-1986) e no Curso de Preparação à Carreira de Diplomata do Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores (1986). Passei a lecionar a convite em instituições de ensino superior de Brasília (UnB, FGV, Uniceub e outras faculdades) em matérias de minha especialidade (direito econômico internacional, comércio exterior, integração regional, economia internacional, etc.). Sou regularmente convidado a dar palestras ou cursos, bem como a participar de bancas de pós-graduação, em universidades do Brasil e do exterior.

Numa primeira etapa no exterior, fui chefe dos setores Econômico e de Promoção Comercial nas Embaixadas em Berna (1979-1982) e em Belgrado (1982-1984), retornando então ao Brasil, onde trabalhei na Secretaria de Relações com o Congresso (1985), Assuntos Políticos Multilaterais (1986). Em nova designação no exterior, servi como encarregado de negócios na Delegação para o Desarmamento e os Direitos Humanos em Genebra (1987) e como chefe do Setor de Ciência e Tecnologia na Delegação Permanente em Genebra (1987-1990), onde ocupei-me de assuntos de desenvolvimento (UNCTAD) e tecnológicos (OMPI). Fui também representante altermo do Brasil junto à Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), em Montevidéu (1990-1991).

De volta à Secretaria de Estado, em 1992, trabalhei como coordenador executivo na Subsecretaria-Geral de Assuntos de Integração, Econômicos e de Comércio Exterior (1992-1993), tendo sido criador e editor do *Boletim de Integração Latino-Americana* e editor do *Boletim de Diplomacia Econômica*. Novamente removido para o exterior, servi, entre 1993 e 1995, como Conselheiro na Embaixada em Paris, na chefia do Setor Econômico, onde me ocupei de temas como Clube de Paris, OCDE e informação econômica em geral. Aproveitei o período para participar de seminários acadêmicos e proferir palestras em diversas instituições de ensino superior: universidades de Paris I, III e IV, Institut d'Études Politiques (Sciences Po) e Institut de Hautes Études de

l'Amérique Latine. Vou estar no IHEAL no primeiro semestre de 2012, dando dois cursos de pós-graduação, em quatro meses: um sobre as políticas externas de FHC e Lula; outro sobre as relações econômicas internacionais do Brasil na primeira metade do século XX.

De volta a Brasília, em 1996, passei a chefiar a Divisão de Política Financeira e de Desenvolvimento do Departamento Econômico do Itamaraty, tendo desempenhado, até 1999, diversas funções de coordenação em processos negociadores, geralmente vinculados aos temas dos investimentos estrangeiros (acordos bilaterais, negociações do MAI-OCDE e processo hemisférico da Alca). Nessa fase, realizei o Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, tendo preparado teses sobre o Brasil e a OCDE (1996) e a pesquisa histórica que depois resultaria na obra *Formação da Diplomacia Econômica no Brasil: as relações econômicas internacionais no Império* (1997), publicada, em versão ampliada, como livro pela Senac-SP (2001 e 2005)

Entre 1999 e 2003 fui ministro-conselheiro na Embaixada do Brasil em Washington, onde coordenei as áreas financeira, cultural e de cooperação acadêmica. Aproveitei para desenvolver diversas atividades acadêmicas ligadas à comunidade dos brasilianistas e para fazer pesquisas na Biblioteca do Congresso, nos Arquivos Nacionais americanos e na Biblioteca Oliveira Lima. Sou regularmente convidado, desde então, a participar dos encontros da Brazilian Studies Association, de cujo comitê executivo participei como membro (2008-2012). Organizei o livro *O Brasil dos Brasilianistas* (2001), com edição americana publicada em 2005: *Envisioning Brazil: Brazilian Studies in US, 1945-2000*.

Minha produção de trabalhos acadêmicos cobre diversas áreas, mais geralmente ensaios sobre problemas sociais e políticos brasileiros ou estudos sobre questões estratégicas e de relações internacionais, que são usualmente publicados em livros, jornais e revistas do Brasil e do exterior. Tenho também pronunciado palestras e conferências em universidades brasileiras e estrangeiras, bem como participado de seminários nas minhas áreas de atuação acadêmica. Colaborei na transferência para Brasília do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (fundado no velho Palácio do Itamaraty do Rio de Janeiro em 1954), do qual fui diretor geral, e também sou editor adjunto da *Revista Brasileira de Política Internacional*, a mais antiga publicação nessa área no Brasil, estabelecida no Rio de Janeiro em 1958 e editada em Brasília a partir de 1993, em nova série.

Atualmente sou professor de Economia Política nos programas de mestrado e doutorado do Uniceub (Brasília), mas também participo de atividades no Instituto Rio Branco. Estou atualmente preparando o segundo volume de meu estudo histórico sobre a diplomacia econômica do Brasil (no período 1889-1945), além de diversos outros trabalhos nas áreas de relações internacionais e de política externa do Brasil. Mantenho, ademais, colaborações regulares em revistas de ciências sociais e em boletins eletrônicos, para os quais sou chamado a contribuir. Tenho projetos de pesquisas e de livros para os próximos dez anos, pelo menos, quando espero completar uma obra analítica sobre as relações econômicas internacionais do Brasil nos últimos 200 anos, o que representa um período de tempo bem maior do que a própria existência política de grande parte dos Estados contemporâneos.

### **Seleção de livros publicados pelo autor**

.....

*Globalizando: ensaios sobre a globalização e a antiglobalização* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011)

*O Moderno Príncipe: Maquiavel revisitado* (Brasília: Senado Federal, 2010)

*O estudo das relações internacionais do Brasil: um diálogo entre a diplomacia e a academia*  
(Brasília: Editora LGE, 2006)

*Formação da diplomacia econômica no Brasil: as relações econômicas internacionais na Império* (2<sup>a</sup>. ed.; São Paulo: Senac; Brasília: Funag, 2005)

*Relações internacionais e Política externa do Brasil: história e sociologia da diplomacia brasileira*  
(2<sup>a</sup>. ed.: Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004)

- A grande mudança: consequências econômicas da transição política no Brasil* (São Paulo: Códex, 2003)
- Os primeiros anos do século XXI: o Brasil e as relações internacionais contemporâneas* (São Paulo: Paz e Terra, 2002)
- Une Histoire du Brésil: pour comprendre le Brésil contemporain* (com Katia de Queirós Mattoso, Paris: L'Harmattan, 2002)
- Formação da diplomacia econômica no Brasil: as relações econômicas internacionais na Império* (São Paulo: Senac; Brasília: Funag, 2001)
- Le Mercosud: un marché commun pour l'Amérique du Sud* (Paris: L'Harmattan, 2000)
- O estudo das relações internacionais do Brasil* (São Paulo: Editora da Universidade São Marcos, 1999)
- Velhos e novos manifestos: o socialismo na era da globalização* (São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 1999)
- O Brasil e o multilateralismo econômico* (Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1999)
- Mercosul: fundamentos e perspectivas* (São Paulo: LTr, 1998)
- Relações internacionais e Política externa do Brasil: dos descobrimentos à globalização* (1. ed.: Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998)
- O Mercosul no contexto regional e internacional* (São Paulo: Aduaneiras, 1993)

### **Livros editados pelo autor**

---

- Guia dos Arquivos Americanos sobre o Brasil: coleções documentais sobre o Brasil nos Estados Unidos* (Brasília: Funag, 2010)
- Envisioning Brazil: A Guide to Brazilian Studies in the United States* (Organizado com Marshall C. Eakin; Madison: University of Wisconsin Press, 2005)
- Relações Brasil-Estados Unidos: assimetrias e convergências* (Organizado com Rubens Antônio Barbosa; São Paulo: Saraiva, 2005)
- O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000* (Organizado com Rubens Antônio Barbosa e Marshall C. Eakin; São Paulo: Paz e Terra, 2002)
- Mercosul, Nafta e Alca: a dimensão social* (Organizado com Yves Chaloult; São Paulo: LTr, 1999)
- Carlos Delgado de Carvalho, *História Diplomática do Brasil* (Brasília: Senado Federal, 1998; 2003)
- José Manoel Cardoso de Oliveira, *Actos Diplomáticos do Brasil: tratados do período colonial e varios documentos desde 1492* (Brasília: Senado Federal, 1997, 2 vols.)

Para conhecer outros trabalhos do autor: [www.pralmeida.org](http://www.pralmeida.org)

## Material Suplementar

Este livro conta com materiais suplementares.

O acesso é gratuito, bastando que o leitor se cadastre em:

<http://gen-io.grupogen.com.br>



GEN-IO (GEN | Informação Online) é o repositório de material suplementar e de serviços relacionados com livros publicados pelo GEN | Grupo Editorial Nacional, o maior conglomerado brasileiro de editoras do ramo científico-técnico-profissional, composto por Guanabara Koogan, Santos, Roca, AC Farmacêutica, Forense, Método, LTC, E.P.U. e Forense Universitária.